

A narrativa histórica na Revista Litericultura: os escritos de Alfredo de Carvalho sobre a viagem de Gardner ao Piauí¹

Thalyta Cristine Arrais Furtado Araújo GONÇALVES²

Ana Regina RÊGO³

Universidade Federal do Piauí – Teresina, Piauí

Resumo

O presente trabalho visa refletir sobre as narrativas históricas e as conexões com a narrativa jornalística no início do século XX. Desenvolveremos este artigo adotando o conceito de narrativa a partir da perspectiva de Paul Ricoeur (2010). Faremos uma análise qualitativa dos escritos historiográficos de Alfredo de Carvalho sobre a expedição de George Gardner ao Piauí. O texto “Uma viagem no Piauí em 1839” foi publicado em cinco edições da *Revista Litericultura* (1912-1913). Ao final percebemos que o texto de natureza memorialística reúne as potencialidades das narrativas históricas e revela muito sobre o Piauí e a sociedade da época.

Palavras-chaves: Narrativa Histórica; Narrativa Jornalística; Revista Litericultura; Narrativa;

Introdução

O que sabemos sobre o passado é um narrativa, bem como o que sabemos sobre o presente também o é. Essa afirmação é o ponto de partida nesse trabalho, que tem como objetivo refletir sobre as aproximações entre a narrativa jornalística e a narrativa histórica.

Narrar significa ir além da criação de um caminho coerente de interpretação sobre o mundo, é dotar de sentido e construir continuamente a realidade. O Jornalismo e a História aparecem dessa forma como conectores entre nós e o mundo físico e social, e principalmente como lugares de produção de sentido do tempo e espaço.

O primeiro pressuposto que devemos atentar no estudo das narrativas – no caso, jornalística e histórica – é evidenciar que embora os campos estejam voltados para o

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. E-mail: thalyta_arrais@hotmail.com.

³ Jornalista. Mestre em Comunicação e Cultura ECO-UFRJ. Doutora em Comunicação UESP- UAB-Barcelona. Coordenadora do NUJOC-Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação – DCS-CCE-UFPI. Orientadora do trabalho. E-mail: ana.rani@uol.com.br.

factual, narrar implica sempre em uma construção, que por sua vez trabalha sobre o princípio da verossimilhança.

As narrativas, assim, nunca poderão apreender o todo ou chegar ao “que realmente foi”, já que são construções e textos em aberto – onde cabe aqui o ciclo mimético de Ricoeur (2010). Por isso, a verossimilhança indica em que medida a estrutura do enredo (ou a tessitura da intriga) são plausíveis dentro do universo criado pelo autor.

A metodologia utilizada para essa produção é a análise qualitativa, que envolve tanto o estudo, quanto o processo de avaliação de informações/dados localizados, com o intuito de explicar um fenômeno e seu contexto. O *corpus* de análise neste trabalho é a *Revista Litericultura* (1912-1913), da qual nos deteremos ao texto “Uma viagem no Piauí em 1839” de Alfredo de Carvalho, publicado de forma episódica no periódico, para perceber de que forma as narrativas históricas e jornalísticas se aproximam.

Cabe ressaltar que neste artigo trabalharemos a narrativa jornalística e histórica, visto que nosso objeto de estudo, o texto de Alfredo de Carvalho, está situado dentro do ambiente do jornalístico, no caso a *Revista Litericultura*. Mostraremos como é possível que haja o encontro entre as narrativas aproveitando o potencial que cada uma oferece.

Narrativas: conceitos e potencialidades

Devido sua natureza gregária, sempre foi necessidade do homem comunicar-se e graças à linguagem criamos e intervimos no mundo, estabelecemos os vínculos sociais e mantemos a vida em ordem. Charaudeau (2008) no prefácio do livro *Linguagem e Discurso* afirmou “A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem”.

A partir da linguagem, a narrativa se instaura e torna possível, principalmente, estabelecer a comunicação entre os indivíduos e registrar pensamentos e fatos do passado. Expressa o mundo e revela a realidade – uma realidade que possui um sentido próprio e que não se configura como “o real”.

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares) –, transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a Bíblia – livro que condensa, história, filosofia e

dogmas do povo cristão compreende muitas narrativas: da origem do homem e da mulher, dos milagres de Jesus etc. Modernamente, poderíamos citar um sem-número de narrativas: novela de TV, filme de cinema, peça de teatro, notícia de jornal, gibi, desenho animado...Muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não. (GANCHO, 2006, p. 03).

Ricoeur mostra que a narrativa só pode ser compreendida no tempo a partir da ação mimética de organização da intriga, ou da “arte de compor intrigas”. Como aponta: “Tudo o que se narra acontece no tempo, desenvolve-se temporalmente; e o que se desenvolve no tempo pode ser contado.” (RICOEUR *apud* BARBOSA, 2006, p. 140).

A intriga é um ponto fundamental na obra de Ricoeur e em linhas gerais representa o problema que o historiador / jornalista tentará resolver. Dessa forma, a intriga nasce de uma necessidade pessoal e é ela que faz a mediação entre os acontecimentos isolados e a narração (que percebe a história como um todo).

A intriga torna inteligíveis os eventos cotidianos a partir de arranjos que unificam, na narrativa, as ações contadas e dá contornos para que a história tenha começo, meio e fim – nos aspectos temporais – e consiga mostrar claramente o tema, espaço e personagens apresentados.

O filósofo francês prefere definir, assim, a narrativa como “composição diegética”⁴. Contar implica entrar em uma dimensão ficcional – qualquer que seja o “narrador” e seu grau de comprometimento com a realidade, como Jornalismo, História ou Literatura – visto que o ato narrar, sugere eleição, exclusão e seleção e nunca uma equivalência com a realidade.

A narrativa é sempre constituída de uma trama que constitui seus diversos episódios e, além de ligá-los entre si, os coloca em relação com o enredo mais amplo, daí resultando uma totalidade significativa. Todavia, esta trama que se estabelece para cada narrativa específica, seja ela qual for, parte antes de mais nada de materiais que já se encontram configurados previamente na própria língua. [...] A narrativa é ainda constituída de uma história (ou de histórias entrelaçadas) não apenas sobre a “ação humana”, mas também sobre os seus significados [...] narrar é configurar ações humanas específicas, mas é também discorrer sobre significados, analisar situações (BARROS, 2012, p. 6-7).

⁴ A diegese é um conceito da narratologia, que diz respeito à dimensão ficcional de uma narrativa. Aproxima-se do conceito de enredo. Contudo, o enredo é a história e divide-se em princípio, meio e fim. Na narrativa o tempo e espaço decorrem ou existem dentro da trama, com suas particularidades e limites determinadas pelo autor.

O ato da narrativa permite, assim, ao mesmo tempo, uma compreensão do passado e do tempo presente. Ele trabalha em diferentes temporalidades que são: o tempo levado para contar e o tempo contado. Isso porque a própria intriga exige o trabalho com duas dimensões de tempo: a cronológica (onde conta a dimensão episódica dos eventos) e outra não cronológica (onde são construídas as totalidades significantes).

Diante do exposto cabe ressaltar que a narrativa é um instrumento importante de visibilidade do homem dentro da sociedade e ajuda para que a comunidade se reconheça a partir de seus valores morais, ideológicos e sociais. Quando se narra, fala-se sobre si, sobre sua identidade e o mundo que o cerca.

Dentre as suas maiores potencialidades está a sua capacidade de construir a memória coletiva e gerar compreensão sobre o mundo, que resultam em ações e transformações que repercutem na sociedade. Enfim, a narrativa nos ensina diuturnamente a “dialética do vir a ser, do ter sido, e do se fazer presente” (RICOEUR *apud* BARROS, 2012, p.11).

Aproximações entre as narrativas jornalísticas e as narrativas históricas

O ato de narrar pressupõe uma relação intensa entre o texto e o narrador, traduzida no ciclo hermenêutico de Paul Ricoeur em três fases: a *mimese 1* (onde ocorre a prefiguração e que se aproxima do viver na sua versão mais indiferenciada); a *mimese 2* (momento da configuração textual, que coincide com o texto construído como intriga); e a *mimese 3* (processo de refiguração na recepção e que envolve a papel recriador do leitor que apreende a narrativa).

Esse ciclo mimético “coloca em ação o poder humano da imaginação e da representação do mundo” (BARROS, 2012, p. 18). Cada uma das mimeses pode ser mediadora entre as outras duas. Como se pode ver é através da narrativa que o leitor tem acesso ao vivido, assim como é a partir do vivido que o leitor se liga ao autor.

Contar histórias implica então em credibilidade e entram em debate alguns mitos constituintes dos campos do Jornalismo e da História e seus estatutos de verdade. Ambos vivem sobre a construção mítica de um ideal de neutralidade e objetividade do texto visto que refletem sobre suas atuações no mundo social a partir de um olhar positivista.

Mas, como aponta Berger “Já vai longe o tempo em que se afirmava o jornalismo como espelho da realidade e a história um relato fiel dos acontecimentos do passado. Aqui o ponto de partida e de horizonte é de que o jornalismo e história constituem-se como narrativas” (BERGER, 2014, p.19).

A credibilidade, dessa forma, não vem de estratégias externas – como os procedimentos de apuração ou formas de escrita –, mas do seu compromisso com a realidade e do cumprimento dos seus papéis como testemunhas ou mediadores entre presente e passado.

O pensamento de Paul Ricoeur visa superar a dicotomia entre os textos – que separam de um lado, as narrativas que têm pretensão à verdade (Jornalismo e História) e de outro, as narrativas ficcionais (literatura, por exemplo) – fazendo um resgate do estatuto do modo narrativo, mostrando que a narrativa está ligada ao exercício da linguagem e não apenas da ficção.

Ricoeur mostra as diferenças entre a narrativa ficcional e a narrativa historiográfica, e que neste trabalho incluímos também, a narrativa jornalística. O discurso que aponta para um referente real (passado ou presente) e a intenção de verdade nos dois campos que articulamos aqui é o que faz com que eles possuam um estatuto narrativo específico, onde uma “construção do real” é na verdade, um desejo de “reconstrução”. Assim a História e o Jornalismo podem adquirir um duplo estatuto – de realidade e ficção –, mas nunca apenas de ficção.

A aproximação entre as três narrativas está no trabalho com o “terceiro tempo”⁵ que para Ricoeur é o da narrativa, que possui seu recorte próprio e vai mediar o tempo vivido e o tempo cronológico. O tempo da narrativa é uma experiência indireta – o tempo do sujeito – que jamais pressupõe uma equivalência do tempo real e do tempo do discurso.

Tal como a história é humana, também o tempo é algo dos homens. Como mostra K. Pomian há sempre uma superposição de tempos. Ao lado do tempo coletivo - solar, religioso e político - o tempo biológico ou psicológico. Ao lado do tempo da natureza (biológico e físico), o tempo da sociedade. Ou ainda, o tempo pode ser quantitativo, presumidamente mensurável, como o tempo da física, ou qualitativo, repleto de valores e significações próprias. Neste sentido, também na

⁵ Ricoeur retoma o “tempo lógico” de Aristóteles (*Poesis*) e o “tempo da alma” de Santo Agostinho (*Confissões*), para elaborar sua proposta de que a narrativa histórica busca acomodar os dois polos.

sociedade contemporânea há uma multiplicidade de apreensões temporais, o que constitui a arquitetura temporal de nossa civilização. (BARBOSA, 2005, p. 58).

Essa multiplicidade da temporalidade esta presente também na produção da narrativa jornalística e histórica: ambas recuperam um tempo vivido por outro, encadeado no presente pelo narrador, que fala do tempo dos fatos passados e que será apropriado pelos leitores em momentos distintos.

No entanto, cada campo mantém suas particularidades na relação com o tempo, no que diz respeito ao contexto profissional e fatores de ordem técnica. O tempo no jornalismo é imperativo quanto à sua lógica de produção e circulação, visto que trabalha em função da atualidade. Já na História, o tempo de produção é outro, investindo em um tempo maior de apuração e de narração.

Outra aproximação entre a narrativa histórica e a narrativa jornalística é que as duas podem trabalhar com deslocamentos do tempo e unir personagens distintos, separados um dos outros no tempo e no espaço, que talvez nunca tenham se encontrado pessoalmente ou ouvido falar um do outro. Em uma totalidade narrativa, estas vidas desligadas podem fazer sentido.

As narrativas jornalísticas e históricas se aproximam ainda pela complexidade, o detalhamento e o entrelaçamento de fatos. “E o fio da narrativa jornalística e histórica é a memória, composta por lembranças, compromissos, não-ditos e silêncios que emolduram a narrativa do acontecimento” (BERGER, 2014, p.28).

A Revista Litericultura e a escrita dos intelectuais

No início do século XX o Piauí vivia a efervescência do jornalismo literário⁶, fase marcada pela militância de escritores na imprensa. Embora ainda atrasado diante do cenário nacional, havia um grupo de intelectuais preocupado em tornar a imprensa um espaço para o debate social, com um perfil educador e que contribuísse para a transformação da sociedade. São esses homens que atuam na *Revista Litericultura*, que se mantém em circulação de forma independente, de 1912 a 1913.

⁶ O marco para a história do jornalismo literário piauiense veio com a publicação do jornal *Recreio Literário* de 1851 escrito por José Martins Pereira de Alencastre.

Logo em sua primeira edição, o mensário deixa claro que suas páginas eram espaços livres para quem quisesse produzir algo relacionado à cultura das letras que se relacione com o desenvolvimento intelectual e moral da sociedade. Além disso, redatores e colaboradores foram alertados sobre a importância do caráter social da revista em detrimento de publicações partidárias ou particulares.

Grandes nomes contribuíam com conteúdos para a revista, como: Abdias Neves, Higino Cunha, Clodoaldo Freitas, João Pinheiro, Simplicio Mendes – onde estes primeiros revezaram-se na direção do periódico – Alfredo de Carvalho, Alcides Freitas, Celso Pinheiro, Da Costa e Silva, Matias Olímpio, Zito Baptista, Cromwell de Carvalho e Jônatas Batista.

O periódico é um ponto de confluência entre as narrativas jornalísticas, históricas e literárias, apoiando-se numa escrita de caráter mais ético e humanizado. As páginas da revista traziam várias modalidades de escritas – ensaios, crônicas, poemas, poesias, contos, artigos, críticas –, contava com uma confluência de estilos em sua produção literária e tinha um olhar voltado para a sociedade, a história e a cultura piauiense.

A narrativa histórica no texto “Uma viagem no Piauí em 1839”

Este trabalho se propõe a analisar qualitativamente a narrativa produzida por Alfredo de Carvalho⁷ sobre a viagem do inglês George Gardner ao Piauí. O texto intitulado “Uma viagem no Piauí em 1839” foi publicado de forma sequenciada em cinco edições da *Revista Litericultura* – junho, julho, agosto, setembro e novembro de 1913.

Alfredo de Carvalho baseou-se nos textos inaugurais do diário de viagem de George Gardner⁸, que registrou sua passagem pelo Piauí no ano de 1839. Os textos originais do inglês manifestam uma detalhada reconstituição de ambientes e costumes do passado e que na *Litericultura* apresentam-se a partir da fala de Alfredo de Carvalho em uma nova narrativa.

⁷ Alfredo de Carvalho (1870 – 1916), renomado historiador pernambucano foi pioneiro na pesquisa integrada sobre a imprensa brasileira. Foi o primeiro a traduzir os escritos de Gardner sobre sua passagem no Piauí e Ceará.

⁸ George Gardner (1812-1849) empreendeu uma expedição pelo interior do Brasil no ano de 1836, que durou cerca de 5 anos. Passou pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Ceará, Piauí e Maranhão. Registrou suas impressões no livro “*Travels in the interior of Brazil*”, publicado em 1846 e traduzida em 1942.

O médico e botânico, veio ao estado com o intuito de catalogar a fauna e a flora, e passou por Sant'Ana das Mercês (atualmente município de Jaicós), chegou em Oeiras no dia 12 de março de 1839, seguindo ainda pela Vila de Nossa Senhora do Livramento de Paranaguá (chamada atualmente de Parnaguá) de onde partiu rumo à Pernambuco.

Para esta análise partimos da ideia de Benedito Nunes (1995 *apud* SAID, 2014, p. 84) que a narrativa possui três planos (o da história, o do discurso e o da narração) e que, portanto articula tempo, espaço e personagem (sujeito). Assim na análise procuramos apontar quais as características apresentadas sobre o povo, seus costumes, os personagens, o tempo e espaço narrado e a relação com outros fatos históricos.

Análise das narrativas (Aspectos da narrativa histórica)

A narrativa desenvolvida por Alfredo de Carvalho aproveita a riqueza de descrição que aparece nos escritos de Gardner sobre sua viagem e são conectadas de forma que aproxima o público das características e costumes do povo piauiense no século XIX.

George Gardner revela alguns hábitos como, por exemplo, o costume de viajantes se hospedarem em casas que pertenciam aos padres ou em grandes fazendas da região. Esses espaços também serviam como referência para situar geograficamente os povoados e os caminhos da expedição, sempre calculando as distâncias pelas léguas.

No dia seguinte, o naturalista andou cerca de cinco léguas, e depois do meio dia, chegou à fazenda de nome Retiro [...] Cerca de três léguas antes de Cachimbinho havia um pequeno povoado [...] Após quatro léguas de caminho, a Fazenda Canabrava (CARVALHO, 1913 p. 6-7).

Descreve ainda a convivência dos fazendeiros com animais selvagens visto que em muitas fazendas – como a fazenda de Santo Antonio onde Gardner estava hospedado – criavam-se bezerros que costumeiramente era vítimas dos ataques de onças, por exemplo. Para os fazendeiros era comum à caça a esses animais, como segue: “Três meses antes ele matara uma grande onça preta, cujo couro e caveira, que conserva, mostra ter sido um animal de grande tamanho e vigor” (CARVALHO, 1913, p. 5).

É descrito também características da moda da época, como o uso de camisas leves de algodão, ceroulas que iam pouco abaixo dos joelhos e chinelos. A narrativa

também revela que em certos espaços não poderiam ser utilizados qualquer tipo de trajes, como expõe na passagem em que Gardner foi informado que “ninguém podia entrar no palácio⁹ de esporas” (CARVALHO, 1913, p. 66).

Por outro lado, descreve que um dos soldados que o recepcionou na porta do palácio, “não fora o mosquete e a sua atitude perfilada, passaria por um mendigo” devido suas roupas rasgadas e velhas (CARVALHO, 1913, p. 65).

Quanto às comidas, os relatos revelam que “todos os dias era abatida uma rez gorda para o consumo do pessoal da fazenda e dos hóspedes” (CARVALHO, 1913, p. 3) e o preparo da carne seca e de outros “presentes” para que o viajante pudesse levar para abastecer sua jornada.

No que diz respeito às profissões, Gardner valoriza em seus escritos – e Alfredo de Carvalho por sua vez dá espaço na narrativa – o trabalho dos vaqueiros e a forma como estes lidavam diariamente com o gado:

Montado à cavalo e armado desta vara, o vaqueiro escolhe o animal que deseja pegar, persegue-o a pleno galope, alcança-o em breve, ferindo-o, a toda carreira com o ferrão, no quarto, facilmente o derruba antes que a rez se possa levantar, o vaqueiro apeia-se e laça-a; desta maneira é pegado quase todo gado da província (CARVALHO, 1913, p.131).

Como Gardner estava preocupado com os dados sobre fauna e vegetação, alguns elementos apontados na narrativa revelam inclusive sobre como a população se utilizava de recursos naturais encontrados na região.

A força de uma narrativa está no ordenamento temporal e espacial. Mas os personagens também são elementos importantes para sustentar o eixo narrativo. É em torno dos personagens que a história gira. No texto, “Uma viagem no Piauí em 1839”, vários personagens aparecem dando dinâmica à narrativa a partir de suas ações, mas em pequenas participações.

O protagonismo gira em torno de dois sujeitos que ocupam a centralidade na trama. Num primeiro momento, o presidente da província Barão de Paranaíba se apresentam como os principais personagens nos relatos de George Gardner. No entanto, na narrativa de Alfredo de Carvalho, acrescenta-se mais um personagem: o próprio Gardner.

⁹ Palácio era como se chamava a casa do Barão da Parnaíba, presidente da província.

É em torno de Manuel de Sousa Martins, presidente da província do Piauí, que a narrativa detém um maior empenho para sua descrição. Primeiramente, aparecem informações sobre o caráter do Barão de Parnaíba, como segue:

Não me pude impedir deixar de escrutar a aparência daquele homem cujo nome era mais afamado, no Norte de Brasil, do que o de qualquer outro, e cujo governo despótico da província, de que é presidente, lhe granjeou o apelido de Francia do Piauí. Era de baixa estatura e vigorosamente constituído, sem ser corpulento; o seu olhar revelava atividade muito maior, tanto física como de espírito, do que o geral dos homens de sua idade no Brasil, pois andava, então próximo dos setenta anos; a sua cabeça era de notável tamanho e, de acordo com os princípios da frenologia, assaz bem equilibrada anterior e posteriormente; na região dos sentimentos morais era, porém, deficiente e tinha considerável largura entre as orelhas. (CARVALHO, 1913, p. 66).

No entanto, o texto segue em seus esforços de tentar construir um perfil da maior autoridade do Piauí na época, e então apresenta brevemente sua biografia e alguns traços de sua vida (de família humilde, o governante era católico fervoroso, teve pouca instrução e era conhecido por seus modos grosseiros, mas, conseguia a simpatia das autoridades a partir dos presentes que lhes dava). O Barão foi descrito principalmente a partir da relação de poder que exercia na província como se vê no trecho a seguir:

A firmeza de sua administração tinha-lhe criado muitos inimigos, especialmente devido à execução de certas leis provinciais; [...] Apesar de geralmente mal informado, possuía em alta dose predicados de manha e de astúcia, qualidades urgentemente requeridas para a manutenção do despotismo com que governava a província, e podia ufanar-se de mantê-la num estado de paz e tranquilidade maior do que o de quase todas as outras circunscrições políticas do império. (CARVALHO, 1913, p. 71).

No que diz respeito à George Gardner, este, enquanto personagem, é explorado a partir dos aspectos da sua viagem. Por ser uma narrativa baseada no diário de viagem do botânico, quase nada se fala sobre ele diretamente – apenas Alfredo de Carvalho toma licença, para referenciá-lo como um grande naturalista que visitou o Brasil.

Mas, a partir da escrita de Gardner, percebemos que o pesquisador revela-se como um sujeito atento com história, o povo e o contexto dos lugares em que passou. À

medida que o texto avança percebemos, que o inglês, além de ampliar seus profundos conhecimentos sobre botânica, vai traduzindo nos seus escritos a sua compreensão sobre a realidade social brasileira e vai estabelecendo laços próximos com as autoridades, mas também daqueles mais simples.

Como exige toda grande narrativa histórica, durante todo o texto há a preocupação em situar e guiar, espaço e temporalmente, as ações dos personagens. O tempo e o espaço são apresentados em minúcias como podemos perceber na definição feita por Gardner sobre Oeiras:

Era muito irregularmente edificada, constando de uma vasta praça de algumas ruas que partiam de suas faces meridional e ocidental. A população não excediam três mil almas e sua porção mais importante, não incluindo os empregados públicos, eram de comerciantes que trabalhavam mercadorias europeias. [...] A cidade contava com três igrejas, duas das quais, conquanto já muito antigas, estavam ainda por acabar. Havia também outros edifícios públicos como cadeia, o quartel, a Assembleia Provincial, a Câmara Municipal e o hospital. (CARVALHO, 1913, p. 67-68).

Como o foco da viagem de Gardner ao Piauí era a descoberta da riqueza na flora e fauna brasileira, os relatos também evidenciam alguns dados da pesquisa, como a presença de araras, jacarés, tamanduás, avestruzes, capivaras e animais selvagens, como as onças, e ainda a descoberta dos saguis e de “pássaros aquáticos” chamados pelo povo da região de jabirus.

Há dados sobre a composição da flora e dos cenários naturais marcados pela variedade (chapadas, regiões secas, outros que tinham aspectos de parque) e a caatinga, bioma tipicamente brasileiro, além de uma vegetação formada por uma abundância de espécies (como cajueiros, jatobás e a sucupira). Características do clima da região também foram descritos na narrativa:

Nos meses de Maio, Junho e Julho eram os mais agradáveis da estação, porque então cessavam, tudo continuava fresco e verde, e a atmosfera mantinha-se relativamente fria devido ao forte vento. [...] Depois do mês de Julho ocorria uma grande mudança: toda a região começava a tomar um aspecto seco e árido [...] dando motivo ao ar tão aquecido que ninguém saía de casa, salvo por grave necessidade. (CARVALHO, 1913, p. 68 e 69).

Há também a descrição sobre as dificuldades encontradas na questão do transporte. Os navegantes e comerciantes enfrentavam problemas ao utilizar os rios para o transporte em longas distâncias. Já a situação das estradas também eram precárias, como se pode ver no trecho a seguir:

Duas léguas diante da fazenda, três bestas de carga caíram num atoleiro [...] No decorrer do dia passaram mais três atoleiros, nenhum, porém mais extenso [...] como quase todas as outras Serras do Nordeste do Brasil, era de topo aplainado e consistia de um grosseiro arenito alvaco muito abundante em seixos rolados de quartzo [...] Após esta zona florestal, surgiu um terreno descampado e abundante em carnaúbas; em muitos pontos o solo era bastante arenoso e pobre de vegetação herbácea (CARVALHO, 1913, p. 4-6).

Alguns outros dados são apresentados na narrativa, como, por exemplo, as doenças e epidemias que assustavam a população daquela época, como as “febres intermitentes e malignas”. Além disso, o texto de Gardner revela o contexto político, econômico e social da época como podemos ver nos fragmentos abaixo:

Como a estrada se ramificava em várias direções, pouco adiante da casa, o Coronel mandou um escravo indicar o verdadeiro caminho a segui. (CARVALHO, 1913, p. 7).

A província do Piauí enviava, então, dois deputados à Assembleia Geral do Império; mas tudo que dizia respeito à administração interna, o Barão de Parnaíba, governava com autoridade despótica. Ocupava a presidência desde a proclamação da independência do Brasil, com exceção dum curto período, quando uma outra pessoa foi enviada para o substituir, mas, que pouco tempo permaneceu no cargo – falecendo de repente e em circunstâncias suspeitas.(CARVALHO, 1913, p. 70).

Os únicos artigos de exportação eram gados e couros e os últimos eram tudo o que um vapor teria que transportar. Com referência à importação de mercadorias europeias, não parecia que seu tráfico pudesse, cedo ser desviado do Maranhão para a Parnaíba. (CARVALHO, 1913, p. 68).

Como vimos anteriormente, a narrativa tem a capacidade de articular fatos da história que parecem desconexos. Ao falar sobre a situação política de Oeiras no período, Alfredo de Carvalho, a partir dos escritos de Gardner, engendrou em sua narrativa, fatos que levaram ao estabelecimento do Barão de Parnaíba a permanecer por 20 anos na presidência da província.

A narrativa encadeia vários acontecimentos, numa relação de causa e consequência. O texto contextualiza, por exemplo, como Manuel de Sousa Martins chegou ao poder, após a volta de Elias José Ribeiro de Carvalho para após ser chamado pela corte e a instalação de um governo provisório, do qual fazia parte com mais cinco membros.

Além disso, mostra a participação do Barão de Parnaíba na luta pela independência do Brasil. Embora estivesse pressionado pela presença do Major Fidié em Oeiras e não possuísse prestígio suficiente para encabeçar uma luta em favor do movimento, o presidente da província manifestou seu apoio.

Pouco depois da partida de Fidié para Parnaíba, chegaram as repostas as ditas cartas, urgindo o futuro Barão a levar a efeito os seus patrióticos desígnios. Neste intuito fez, imediatamente, prender todos os membros do Governo Provisório, que então se achavam em Oeiras, e recolhê-los à cadeia, juntos com muitas outras pessoas suspeitas de pertencer ao partido contrário. [...] Entrementes, Souza Martins empregava os maiores esforços para reunir gente contra Fidié, seu inimigo mais temeroso. (CARVALHO, 1913, p. 73)

Voltar ao passado (ainda que recente) também é uma estratégia na narrativa de Alfredo de Carvalho para sustentar o argumento de que o perfil autoritário do Barão de Parnaíba incomodava a muitos. Nesse ponto a narrativa retoma o ano de 1838 para relembrar a tentativa de homicídio contra Sousa Martins.

A 17 de janeiro de 1838, quando regressava duma de suas fazendas, ao chegar a meia légua da cidade, dispararam-lhe um tiro de emboscada, alcançando-lhe a bala um ombro. [...] Logo saíram numerosas partidas a bater as matas em perseguição aos delinquentes, sendo encontrado, oculto entre uns arbustos, um preto que, trazido preso para a cidade e interrogado, confessou ter tomado parte na emboscada, mas, que o tiro fora disparado por um certo Joaquim Seleiro, multado deste ofício e morador da casa do Barão (CARVALHO, 1913, p. 71).

Os escritos trazem o contexto de rebeliões que aconteciam de forma mais moderada no Piauí e de contorno mais incisivo nos estados vizinhos – Maranhão, Ceará e Pernambuco. Essas narrativas dialogam com a “história oficial” e trazem informações complementares, remontando o cenário histórico da época.

Considerações finais

A partir da análise podemos perceber, primeiramente, um exemplo prático do que Paul Ricoeur chamou de ciclo hermenêutico ou *mimesis*. A narrativa aqui analisada, desenvolvida por Alfredo de Carvalho é feita a partir da narrativa produzida por George Gardner, portanto passa pelos estágios descritos por Ricoeur – a partir da experiência vivenciada por Gardner no Piauí (*mimese 1*) e sua materialização através dos relatos (*mimese 2*), foi possível a interpretação ou tradução por Alfredo de Carvalho (*mimese 3*) e mais vez a materialização em narrativa, no caso histórica.

Como toda narrativa, o texto analisado trabalha pela seleção e exclusão de acontecimentos e a vigem de Gardner é um exemplo disso, pois não é narrada toda a trajetória do botânico no Brasil, mas apenas sua passagem pelo Piauí, com ênfase em aspectos centrais como um mergulho nas questões sociais e políticas da época.

Embora o trabalho de Gardner fosse voltado para o estudo da vegetação e da fauna brasileira, os relatos se apresentam como grandes fontes históricas, ao passo, que o botânico realiza um trabalho quase antropológico situando, para além dos dados, o Piauí no período do Império.

O próprio contexto jornalístico da época – jornalismo literário tradicional – sugere a imersão ou aprofundamento do narrador nos fatos relativos à vida social. Nessa fase do jornalismo, não há uma preocupação com o que há de mais imediato no cotidiano.

O escritor deixa-se levar então na missão de compreender o seu redor a partir das peculiaridades nas falas, comportamentos, ambientes e nas relações. Essa imersão é o que também Paul Ricoeur defendia em sua obra, que criticava a História por anular o historiador como partícipe.

O texto de Alfredo de Carvalho “Uma viagem no Piauí em 1839” funciona então como um fio de memória, embora reflita uma experiência individual são fragmentos que possuem uma potência multiplicadora de criar novos significados.

A narrativa adquire assim um estatuto próprio, visto que embora deva ser pensada como uma instituidora de totalidades possibilita que sejam criados significados nas experiências sociais.

Referências

BARBOSA, Marialva. **O que a história pode legar aos estudos de jornalismo**. Revista Contracampo, n. 12, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/558/325>. Acesso em: 09/07/2015.

_____. **O filósofo do sentido e a comunicação**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 139-149, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/209/200>. Acesso em: 09/07/2015.

BARROS, José D'assunção. **Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur**: considerações sobre o círculo hermenêutico. Revista de História e Estudos Culturais Vol.9. Ano IX nº 1, 2012. Disponível em: http://revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_9_Jose_D_Assuncao_Barros.pdf. Acesso em: 09/07/2015.

BERGER, Christa. Potencialidades das narrativas histórica e jornalística. **In**: Narrativas do Jornalismo & Narrativas da História. Porto: Media XXI, 2014.

CARVALHO, Alfredo de. Uma viagem no Piauí em 1839. **In**: Revista Litericultura. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, ano II, fasc. 1, p. 3-8.

_____. Uma viagem no Piauí em 1839. **In**: Revista Litericultura. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, ano II, fasc. 2, p. 65-76.

_____. Uma viagem no Piauí em 1839. **In**: Revista Litericultura. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, ano II, fasc. 3, p. 129-140.

_____. Uma viagem no Piauí em 1839. **In**: Revista Litericultura. Teresina: Imprensa Oficial, 1913, ano II, fasc. 4 e 5, p. 195-198.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9ª edição. São Paulo: Ática. 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. **História, Literatura e Sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense entre a literatura e a política**. 2008. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20Piauiense.pdf>. Acesso em: 06/06/2015.

RIKOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SAID, Gustavo. As narrativas da história e do jornalismo e a construção do tempo: alguns delineamentos teórico-metodológicos. **In**: Narrativas do Jornalismo & Narrativas da História. Porto: Media XXI, 2014.